



Práticas Pedagógicas no Ensino de Leitura e Escrita

Pedagogical Practices in the Teaching of Reading and Writing

Ana Luiza Firmeza Rocha D'Avila

Pós-Doutora em Artes pela UFPA e Doutora em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Resumo: O ensino de leitura e produção textual configura-se como um dos eixos estruturantes da formação escolar, sobretudo no contexto da educação básica, onde se espera que o sujeito desenvolva competências linguísticas, cognitivas e sociais que o capacitem para atuar criticamente no mundo. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo discutir práticas pedagógicas inovadoras voltadas ao ensino da leitura e da escrita, articulando contribuições teóricas de autores como Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Magda Soares, Isabel Solé e Rildo Cosson. Parte-se do pressuposto de que o ensino tradicional, centrado na decodificação e na normatização da língua, mostra-se insuficiente para atender às demandas contemporâneas, exigindo a adoção de metodologias que considerem a linguagem como prática social, histórica e dialógica. A partir de uma abordagem qualitativa e bibliográfica, analisa-se o papel do professor como mediador, a importância dos multiletramentos e a relevância do trabalho com gêneros discursivos, concluindo-se que práticas inovadoras contribuem significativamente para a formação de leitores e escritores críticos, autônomos e socialmente engajados.

Palavras-chave: leitura; produção textual; práticas pedagógicas; letramento; ensino de língua portuguesa.

Abstract: The teaching of reading and text production is configured as one of the structuring axes of school education, especially in the context of basic education, where individuals are expected to develop linguistic, cognitive, and social competencies that enable them to act critically in the world. In this sense, this study aims to discuss innovative pedagogical practices aimed at teaching reading and writing, articulating theoretical contributions from authors such as Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, Magda Soares, Isabel Solé, and Rildo Cosson. It is based on the assumption that traditional teaching, centered on decoding and language standardization, is insufficient to meet contemporary demands, requiring the adoption of methodologies that consider language as a social, historical, and dialogical practice. From a qualitative and bibliographic approach, the study analyzes the role of the teacher as a mediator, the importance of multiliteracies, and the relevance of working with discursive genres, concluding that innovative practices significantly contribute to the development of critical, autonomous, and socially engaged readers and writers.

Keywords: reading; text production; pedagogical practices; literacy; Portuguese language teaching.

INTRODUÇÃO

O ensino de leitura e produção textual tem ocupado lugar central nas discussões educacionais contemporâneas, especialmente diante dos desafios impostos por uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações, pela multiplicidade de linguagens e pela complexidade das interações sociais.

Durante muito tempo, o ensino de língua portuguesa esteve fundamentado em práticas normativas, voltadas à memorização de regras gramaticais e à reprodução de modelos textuais, o que resultou na formação de alunos com dificuldades de compreensão e expressão textual, incapazes de estabelecer relações críticas com os textos e com a realidade que os cerca. Nesse contexto, torna-se imprescindível repensar as práticas pedagógicas, buscando alternativas que promovam o desenvolvimento de competências leitoras e escritoras de forma significativa e contextualizada.

Conforme destaca Paulo Freire (2006), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, evidenciando que o ato de ler não se restringe à decodificação de signos linguísticos, mas envolve a interpretação da realidade social, cultural e histórica na qual o sujeito está inserido. Essa perspectiva amplia o conceito de leitura, conferindo-lhe um caráter crítico e transformador, ao mesmo tempo em que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que dialoguem com a experiência do aluno. Dessa forma, o presente estudo propõe uma reflexão aprofundada sobre o ensino de leitura e produção textual, enfatizando a importância de metodologias inovadoras que promovam a autonomia, a criticidade e o protagonismo discente.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA

A compreensão da leitura e da escrita como práticas sociais constitui um dos principais avanços nos estudos linguísticos e educacionais das últimas décadas, rompendo com a visão tradicional que reduzia esses processos à mera codificação e decodificação de sinais gráficos. Nesse sentido, Magda Soares (2003) introduz o conceito de letramento, que vai além da alfabetização ao considerar as práticas sociais de uso da leitura e da escrita em diferentes contextos, destacando que ser letrado implica participar ativamente de práticas sociais mediadas pela linguagem. Tal concepção desloca o foco do ensino da língua para a interação social, reconhecendo que a linguagem é constitutiva das relações humanas e da construção de sentidos.

Paralelamente, as contribuições de Mikhail Bakhtin (2016) reforçam a natureza dialógica da linguagem, ao afirmar que todo enunciado é produzido em resposta a outros enunciados e se insere em uma cadeia comunicativa contínua. Para o autor, os gêneros discursivos organizam as formas de comunicação social, sendo fundamentais para a compreensão e produção de textos em diferentes esferas da atividade humana. Essa perspectiva tem implicações diretas para o ensino de leitura e escrita, uma vez que propõe o trabalho com textos reais, situados em contextos sociais concretos, em oposição a exercícios descontextualizados e artificializados.

No campo das estratégias de leitura, Isabel Solé (2018) destaca a importância de ensinar o aluno a mobilizar procedimentos cognitivos que favoreçam a compreensão textual, como a antecipação de informações, a formulação de hipóteses, a inferência e a verificação de sentidos. Segundo a autora, a leitura eficaz depende da interação entre o leitor, o texto e o contexto, sendo necessário que o

professor atue como mediador, orientando o aluno na construção de significados. Dessa forma, o ensino de leitura deixa de ser uma atividade passiva e passa a ser compreendido como um processo ativo, reflexivo e estratégico.

PRODUÇÃO TEXTUAL COMO PRÁTICA SIGNIFICATIVA

A produção textual, assim como a leitura, deve ser compreendida como uma prática social que envolve a construção de sentidos em contextos específicos de comunicação, exigindo do sujeito não apenas domínio linguístico, mas também conhecimento de mundo, intencionalidade comunicativa e capacidade de organização discursiva. Nesse sentido, escrever não é apenas transpor ideias para o papel, mas participar de práticas sociais que demandam posicionamento, argumentação e diálogo com o outro. Rildo Cosson (2016), ao discutir o letramento literário, enfatiza que a escrita deve estar articulada à leitura, de modo que ambas se constituam mutuamente no processo de formação do sujeito leitor e escritor.

Além disso, a produção textual deve ser entendida como um processo que envolve diferentes etapas, como planejamento, textualização e revisão, exigindo do aluno a capacidade de refletir sobre sua própria escrita. Kleiman (2004) destaca que a escrita se desenvolve em interação com práticas sociais significativas, sendo fundamental que o ensino promova situações reais de produção textual, nas quais o aluno tenha um propósito comunicativo claro e um interlocutor definido. Dessa forma, rompe-se com a prática tradicional de redações escolares descontextualizadas, substituindo-a por atividades que façam sentido para o aluno e que estejam relacionadas à sua realidade.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS

As práticas pedagógicas inovadoras no ensino de leitura e produção textual caracterizam-se pela valorização do protagonismo do aluno, pela integração entre diferentes áreas do conhecimento e pela utilização de metodologias que favoreçam a aprendizagem significativa. Entre essas práticas, destaca-se a pedagogia de projetos, que possibilita a articulação entre leitura, escrita, oralidade e análise linguística em torno de temas relevantes para os alunos, promovendo o engajamento e a construção coletiva do conhecimento. Ao trabalhar com projetos, o professor cria situações reais de uso da linguagem, nas quais os alunos são desafiados a pesquisar, discutir, produzir textos e apresentar resultados, desenvolvendo competências diversas.

Outra abordagem relevante é o ensino por gêneros discursivos, fundamentado nas teorias de Bakhtin, que propõe o trabalho com textos que circulam socialmente, como cartas, reportagens, blogs, poemas e textos digitais. Essa perspectiva permite que o aluno compreenda as características dos diferentes gêneros e desenvolva habilidades de leitura e produção textual adequadas a diferentes contextos comunicativos. Além disso, o uso de multiletramentos amplia o conceito de leitura ao

incluir diferentes linguagens, como imagens, vídeos e mídias digitais, reconhecendo que a comunicação contemporânea se dá de forma multimodal.

A incorporação das tecnologias digitais no ensino também se configura como uma prática inovadora, possibilitando a produção de textos em diferentes formatos e a interação em ambientes virtuais. Blogs, redes sociais, podcasts e vídeos tornam-se ferramentas pedagógicas que ampliam as possibilidades de expressão e comunicação, aproximando o ensino da realidade dos alunos. Nesse contexto, o professor deve atuar como mediador, orientando o uso crítico e responsável das tecnologias.

Práticas pedagógicas inovadoras na Amazônia Paraense

No contexto da Amazônia Paraense, o ensino de leitura e produção textual adquire especificidades que exigem do educador uma sensibilidade ampliada para as dimensões culturais, territoriais e identitárias que atravessam a experiência dos sujeitos amazônidas. Diferentemente de contextos urbanos mais homogeneizados, a realidade amazônica é marcada por uma diversidade de saberes, práticas e linguagens que emergem das vivências ribeirinhas, quilombolas, indígenas e periféricas, o que demanda práticas pedagógicas que dialoguem com esses universos. Nesse sentido, inovar no ensino da leitura e da escrita na Amazônia não significa apenas incorporar tecnologias ou metodologias ativas, mas sobretudo reconhecer e valorizar as formas locais de produção de conhecimento, especialmente aquelas mediadas pela oralidade, pela memória e pela relação com a natureza. Como aponta Daniel Munduruku, a palavra, nas culturas tradicionais, não é apenas instrumento de comunicação, mas espaço de construção de identidade e pertencimento, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que integrem essas dimensões ao ensino formal.

Nessa perspectiva, a oralidade assume papel central como prática pedagógica inovadora, rompendo com a lógica grafocêntrica que historicamente predominou na escola. Contação de histórias, rodas de conversa, narrativas de mestres da cultura popular e registros de memórias comunitárias tornam-se estratégias potentes para o desenvolvimento da leitura e da produção textual, uma vez que permitem ao aluno reconhecer-se como sujeito de linguagem e produtor de saber. Ao transpor essas narrativas orais para a escrita, o estudante não apenas desenvolve habilidades linguísticas, mas também participa de um processo de valorização cultural e de resistência epistemológica. Como defende Ailton Krenak, é necessário “adiar o fim do mundo” por meio da valorização de outras formas de existência e conhecimento, o que, no campo educacional, implica reconhecer a pluralidade de linguagens e saberes que constituem o território amazônico.

Outra prática inovadora relevante na Amazônia Paraense é o trabalho com a literatura regional e com produções culturais locais, como o carimbó, as narrativas marajoaras, os mitos amazônicos e as poesias de autores da região. Ao inserir esses textos no currículo, o professor promove um ensino de leitura que dialoga diretamente com a realidade dos alunos, fortalecendo sua identidade cultural e ampliando seu repertório simbólico. Nesse sentido, a leitura deixa de

ser uma atividade distante e passa a ser uma experiência de reconhecimento e pertencimento. Além disso, a produção textual pode ser estimulada a partir dessas referências, incentivando os alunos a escreverem sobre suas vivências, suas comunidades e suas tradições, o que contribui para a construção de uma escrita autoral e significativa. Essa abordagem aproxima-se da concepção freireana de educação, na qual o conhecimento é construído a partir da realidade concreta dos sujeitos.

No arquipélago do Marajó e em outras regiões do Pará, observa-se ainda a emergência de práticas pedagógicas que articulam leitura, escrita e território, por meio de projetos interdisciplinares que envolvem o mapeamento cultural, a produção de relatos de viagem, a documentação de festas tradicionais e a investigação de saberes locais. Essas experiências configuram-se como práticas inovadoras na medida em que rompem com a fragmentação disciplinar e promovem uma aprendizagem contextualizada, na qual o aluno se torna pesquisador de sua própria realidade. A produção textual, nesse contexto, assume caráter investigativo e autoral, permitindo que o estudante desenvolva competências discursivas ao mesmo tempo em que se apropria criticamente de seu território. Trata-se de uma pedagogia situada, que reconhece o espaço amazônico como produtor de conhecimento e não apenas como objeto de estudo.

Além disso, a incorporação de práticas artísticas, como a música, a dança e o artesanato, tem se mostrado uma estratégia eficaz para o ensino de leitura e escrita na região. As letras de carimbó, por exemplo, constituem textos ricos em elementos poéticos, narrativos e culturais, podendo ser exploradas como material didático para análise textual e produção escrita. Ao trabalhar com essas manifestações, o professor amplia o conceito de texto e promove uma educação estética que valoriza a sensibilidade e a criatividade dos alunos. Essa abordagem dialoga com os princípios dos multiletramentos, ao reconhecer a multiplicidade de linguagens presentes na cultura contemporânea e, especialmente, na cultura amazônica.

Por fim, é importante destacar que as práticas pedagógicas inovadoras na Amazônia Paraense também se configuram como práticas de resistência, na medida em que confrontam modelos educacionais colonizadores e homogeneizantes, propondo uma educação que valoriza a diversidade cultural e epistemológica da região. Como argumenta Boaventura de Sousa Santos, é necessário promover uma “ecologia de saberes”, na qual diferentes formas de conhecimento possam coexistir e dialogar em condições de igualdade. Nesse sentido, o ensino de leitura e produção textual na Amazônia deve ser pensado como um espaço de encontro entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais, contribuindo para a construção de uma educação mais justa, inclusiva e significativa.

O PAPEL DO PROFESSOR MEDIADOR

No contexto das práticas pedagógicas inovadoras, o papel do professor assume uma dimensão fundamental, uma vez que ele deixa de ser um mero

transmissor de conteúdos para se tornar mediador do processo de aprendizagem, responsável por criar condições para que o aluno construa seu próprio conhecimento. Paulo Freire (1987) critica o modelo de educação bancária, no qual o professor deposita conhecimentos no aluno, defendendo uma educação dialógica, baseada na problematização e na interação. Nesse sentido, o professor deve promover o diálogo, valorizar a experiência do aluno e estimular a reflexão crítica.

Além disso, o docente precisa estar em constante formação, buscando atualizar-se em relação às teorias e práticas pedagógicas, bem como às demandas sociais contemporâneas. A formação continuada é essencial para que o professor possa desenvolver práticas inovadoras e atender às necessidades dos alunos, contribuindo para a construção de uma educação mais inclusiva e significativa.

DESAFIOS NO ENSINO DE LEITURA E ESCRITA

Apesar dos avanços teóricos e das propostas inovadoras, o ensino de leitura e produção textual ainda enfrenta diversos desafios, entre os quais se destacam a resistência a mudanças, a falta de formação docente adequada, as condições precárias de trabalho e as desigualdades sociais que afetam o acesso à educação de qualidade. Muitos professores ainda se encontram presos a práticas tradicionais, seja por falta de formação, seja por pressão institucional, o que dificulta a implementação de metodologias inovadoras.

Além disso, a desmotivação dos alunos, muitas vezes decorrente de experiências escolares negativas, constitui um obstáculo significativo para o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras. Nesse contexto, torna-se fundamental que a escola promova práticas pedagógicas que despertem o interesse dos alunos, valorizando suas experiências e promovendo a participação ativa no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que o ensino de leitura e produção textual deve ser repensado à luz das demandas contemporâneas, adotando práticas pedagógicas inovadoras que considerem a linguagem como prática social, histórica e dialógica. A integração entre leitura e escrita, o trabalho com gêneros discursivos, a utilização de tecnologias digitais e a valorização do protagonismo do aluno constituem caminhos promissores para a formação de sujeitos críticos e autônomos. Nesse processo, o papel do professor como mediador é fundamental, sendo necessário investir em sua formação e valorização profissional.

Assim, conclui-se que a transformação do ensino de leitura e produção textual passa pela articulação entre teoria e prática, pela superação de modelos tradicionais e pela construção de uma educação comprometida com a formação integral do sujeito, capaz de interpretar, produzir e transformar a realidade em que vive.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

COLOMER, Teresa. **A leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. Campinas: Pontes, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2011.